

ção do feminismo está automaticamente associado ao pecado. Começa a surgir uma nova geração de religiosas a partir de comunidades inseridas nos meios populares ou mesmo de religiosas que participam das condições de vida das classes populares.

A mulher tem também a missão e as condições de fazer sua teologia integrada que combina o intuitivo e o racional com cientificidade. Para isso alguns pontos devem ser levados em conta:

- 1 — É necessário que o enfoque da Teologia Feminina esteja a serviço da libertação e que os temas escolhidos permitam esse enfoque;
- 2 — O rigor científico não é privilégio do homem, nem a intuição privilégio da mulher;
- 3 — É indispensável reintegrar a mística na elaboração teológica;
- 4 — É patente a necessidade de fazer a mulher "desconhecer" o lugar que lhe foi atribuído para elaborar uma nova Teologia;
- 5 — Elaborar uma nova idéia de Deus (O trinitário) que integra o feminino;
- 6 — Redescobrir os SS.PP. e também os místicos, em cuja experiência de Deus o feminino tem uma relevância marcante;
— Como trabalhar teologicamente uma nova visão da erótica-feminina;
- 7 — Trabalhar uma nova imagem de Maria;
- 8 — Recolher a Teologia assistemática feita pelas mulheres do povo.

Na elaboração do plano regional de pastoral qual será a contribuição da mulher?

— TEMAS A PRIVILEGIAR:

- . Retrabalhar a idéia de pecado, colocado sempre sobre os ombros da mulher;
- . Os ministérios femininos;
- . Os papéis da mulher na Bíblia em relação à resistência dos oprimidos.

Na elaboração do plano regional de pastoral qual será a contribuição da mulher? Ou melhor: poderá ser considerado um trabalho completo, atingindo todos os cristãos, homens e mulheres sem a presença efetiva e igualitária da mulher em todos os momentos da gênese desse plano?

A Opção Preferencial pelos Pobres na Igreja de SC

David Bruno Goedert — 2º Ano
Valdir Schiochet — 3º Ano

"O pobre é o único sacramento absolutamente necessário e o único absolutamente universal de salvação"
(C. Boff)

A Igreja é verdadeiramente sacramento de Jesus Cristo na medida em que é fiel ao evangelho e aos pobres. Assim, a Igreja de Santa Catarina, nesta fase de preparação para o Novo Plano de Pastoral do Sul IV deve abrir-se ao Espírito Santo para encarnar de forma clara e objetiva a opção pelos pobres. Como primeiro momento deve estar aberta a um processo de profunda conversão, possibilitando com isso a ação da vontade de Deus para o povo catarinense.

Ocorre que tem-se gerado muita dúvida e muita polêmica na questão do ser pobre hoje. O que se observa, porém, é que o discurso não é acompanhado por uma opção radical de vida que aproxime efetivamente o agente de pastoral e a hierarquia dos irmãos mais pobres, numa atitude de solidariedade e testemunho evangélico.

A este conjunto de explorados e marginalizados a Igreja catarinense deve responder com coragem profética e urgência de ação.

Esta conversão pressupõe obrigatoriamente descobrir o rosto do pobre caracterizando-o no contexto mais amplo da realidade catarinense. Cabe aqui colocarmos a questão fundamental dos destinatários da ação pastoral de nossa Igreja particular, refletida na semana teológica, em agosto passado, no ITESC, sob a orientação do Frei Clodovis Boff, ou seja, as categorias de empobrecidos em nosso Estado, quais sejam: sem-terra, operários, pescadores, caboclos, mineiros negros, domésticas, biscateiros, soldados, presos, mulheres, mendigos, bóias-frias, integrados, pequenos agricultores, aposentados, peões, erveiros, menores abandonados, serventes, índios, favelados, prostitutas e outros.

A este conjunto de explorados e marginalizados a Igreja catarinense deve responder com coragem profética e urgência de ação. A partir daí a nossa ação pastoral deve possibilitar a estes nossos irmãos empobrecidos serem sujeitos e construtores da vida eclesial. O caráter radical desta proposta evoca e se fundamenta no próprio evangelho e na ação de Jesus.

Se o pobre real, oprimido, marginalizado, não for con-

teúdo de nossa reflexão teológica e prática pastoral falhamos com o projeto de Jesus Cristo e dificultamos a implantação do Reino de Deus. Neste sentido, o Documento de Puebla aborda três pressupostos teológicos doutrinários que fundamentam o compromisso e a solidariedade com os pobres:

1 — Jesus evangeliza os pobres (DP. 1141-1144): Jesus revela com clareza um traço bem característico da face de Deus: a preferência do Pai pelos pobres, humildes e marginalizados, fazendo-os primeiros destinatários da missão (cf. Lc 4,18-21).

o clamor de Jesus Cristo na cruz é o clamor de todo o povo oprimido em todas as épocas e em todos os lugares.

2 — A serviço do Irmão Pobre (DP. 1145-1147): A exemplo de Jesus Cristo que “veio para servir e não para ser servido” a nossa ação pastoral deve ser um serviço voltado para a concretização da justiça, suprimindo “as causas e não só os efeitos dos males e organizar os auxílios de forma tal que os que os recebem se libertem progressivamente da dependência externa e se bastem a si mesmos” (AA 8).

3 — A Pobreza Cristã (DP. 1148-1152): a pobreza proclamada por Jesus é proposta de um modelo de vida, de “abertura confiante em Deus com uma vida simples, sóbria e austera, que aparta a tentação da cobiça e do orgulho (DP). Pobreza feita na renúncia, solidariedade e partilha (pobreza encarnada).

Implicações Práticas*

1 — A Nível de Espiritualidade: o clamor de Jesus Cristo na cruz é o clamor de todo o povo oprimido em todas as épocas e em todos os lugares. Identificando-se com o pobre, na cruz Jesus clama encarnando toda a humanidade sofredora. O clamor de Jesus Cristo organiza e orienta a história. Por isso a Igreja de Santa Catarina deve ser a portadora da voz desse povo que clama por justiça e vida, dando testemunho de Jesus Cristo pela conversão, pobreza evangélica, comunhão com o pobre, humildade e entrega de si.

2 — A Nível de Pastoral: comprometida com os pobres, a ação pastoral da Igreja Catarinense deve:

* estabelecer uma pastoral de conjunto que alimente a esperança dos pobres, sendo ela mesma pobre, vivendo e anunciando a pobreza cristã e a nova sociedade;

“onde os pobres reaprendem a fé libertadora do evangelho, se unem como Igreja e como povo e lutam por mais vida e vida plena”

* conhecer e denunciar os mecanismos que geram a opressão e a miséria exercendo a função orgânica de esclare-

cedoras das consciências oprimidas;

* denunciar as injustiças cometidas contra os sem-terras, mineiros, operários, lavradores, domésticas. . . como sendo contra a vontade de Deus, fazendo-se a voz dos que não têm voz e vez;

* apoiar as aspirações e organização das classes oprimidas possibilitando-lhes alcançar suas justas reivindicações, sejam a nível eclesial, político ou social;

* lutar contra a atual estrutura fundiária até o desaparecimento dos latifúndios, sinais evidentes de uma sociedade injusta e opressora;

* conscientizar os pobres a respeito da sociedade consumista e hedonista catarinense (ex. Ocktoberfest).

E a lista poderia se alongar. Dependendo unicamente da criatividade e iniciativa pastoral.

Finalmente, a opção preferencial pelos pobres na Igreja em Santa Catarina efetivamente deverá concretizar este novo modo de ser Igreja (na verdade tão antigo). Igreja esta “onde os pobres reaprendem a fé libertadora do evangelho, se unem como Igreja e como povo e lutam por mais vida e vida plena” (M. Grechi, in. Opção pelos Pobres, Boff, C. Pixley, J., P. 13).